

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA ICONOGRAFIA E URBANISMO DA CIDADE DO PORTO

Por **Xavier Coutinho**

INTRODUÇÃO

Para a história da cidade do Porto, a sua *iconografia* é indispensável. Por isso as estampas, que aconteceram, sobretudo no decorrer de todo o século XIX, são absolutamente indispensáveis.

Bons artistas e excelentes gravadores debruçaram-se, interessadamente, sobre os mais variados aspectos citadinos, pelo que não podem ser menosprezados. Aliás o conhecimento do urbanismo portuense, por exemplo, só pode ser avaliado através de mapas e plantas que nos demonstrem o que foi, e como foi, a cidade tripeira, em desenvolvimento demográfico sucessivo.

Aliás para se avaliar o seu desenvolvimento económico, desde a cidade à cidade moderna, há que considerar a Barra do Rio Douro, com as dificuldades que ela sempre foi e as soluções imaginativas que foram tentadas, a fim de se lhes dar soluções, face ao progresso sucessivo da navegação e ao porte, cada vez maior, dos barcos que a demandavam.

Um problema de sempre, pendente desde o Tempo dos Romanos pelo menos, que levou à invenção do porto construído nos leixões de Matosinhos-Rio Leça, o qual acabou por pôr de parte um *porto de abrigo* a construir em Lavadores.

E não se esqueça que o próprio porto de Leixões, inicialmente, não passaria de um sucedâneo complementar, para o porto da Cidade, no Rio Douro, por meio de um canal que levaria, com segurança, à Cidade, as embarcações ou, ao menos, as mercadorias que demandassem o Porto, Cidade da Virgem.

Por tudo, face a tal problemática, a iconografia da Cidade é indispensável, como fonte histórica.

Por isso, uma *Exposição de Plantas da Cidade do Porto* (séculos XVIII e XIX) constituiu uma aportação muito valiosa

para o estudo do urbanismo desta Cidade, cujo catálogo foi publicado pela Câmara Municipal do Porto em 1949 quando era Presidente da Câmara o Prof. Doutor Luiz de Pina, da Faculdade de Medicina e Director do Gabinete de História da Cidade o Dr. J. A. Pinto Ferreira.

I

SÉCULO XVII

Pier Maria Baldi repórter-fotográfico de Cosme de Medicis (1669) em Portugal e no Porto

Pier Maria Baldi († 1686)

Duas vistas do Porto foram feitas pelo pintor florentino, Pier Maria Baldi, que acompanhou Cosme de Medicis na sua viagem a Espanha e Portugal. Uma abarca o Porto, desde além da Torre da Marca até Massarelos; outra compreende a panorâmica desde Massarelos até às Fontainhas.

Nesta última sobressai o monte da Sé, com a catedral, cujo vulto é diferente do actual, pois esta visita é anterior às grandes obras de transformação da sede vacante.

Os originais encontram-se na Biblioteca Laurenciana de Florença (Med. Pol. 123) e foram publicados pela «Junta para ampliacion de estudios e investigaciones científicas», juntamente com o volume «*Viage de Cosme de Medicis por España y Portugal (1668-1669). Edicion y notas de Angel Sanches Rivero* (Madrid, s. d.). É a lâmina n.º LXVII.

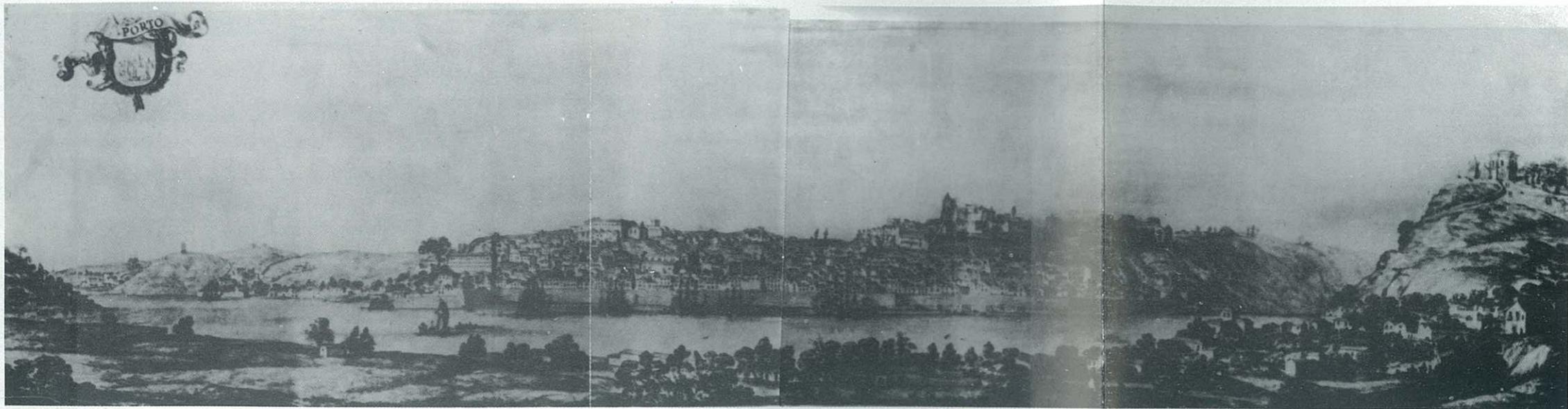
As suas aguarelas são um documento de valor inestimável para se fazer uma ideia da paisagem portuguesa do século XVII. Alguém poderá dizer que são uma meticulosa representação romântica das terras por onde passou o autor. Talvez.

Porém, dada a maneira meteorítica com que ele passou, entre nós, a rapidez da sua impressão tinha que ser intensa. Daí a virgindade da sua interpretação que, aliás sendo ingénua, é, por isso mesmo, tanto mais exacta:

«Artista mediano, no sabe imaginar sino representar lo que realmente ve en el momento en que dibujó, sea el paisaje, sean particularidades ocasionales» (Introd. às lâminas), como escreveu o seu editor espanhol.

Feliz mediania que nos permitiu ter as suas admiráveis e espontâneas impressões.

Os desenhos de Pier Maria Baldi são deliciosos e exactos a avaliar pelos pormenores que o tempo e os homens respeitaram.



É uma tela da autoria provável de H. Duncalf, que foi reproduzida em várias estampas inglesas (vid. n.ºs 64 e 65 da exposição *O rio e o mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 191).

2.º — Estas pinturas de H. Duncalf foram gravadas por W. H. Toms, R. Wilkinson W. Timms after Dunlat

a) *H. Duncalf — W. H. Toms (1736)*

«*Oporto*» (numa fita na parte superior da estampa) — Subsc. H. Duncalf delin.-W. H. Toms. sculp.t— Publish'd according to Act of Parliament. Augt. 3/1736. — Dim. 360 × 597 mm — Água forte colorida (Cf. *O rio e o mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 64). Tem uma legenda com 10 números, escrita em Português e Inglês (isto é os nomes dos principais monumentos do Porto).

Mede: 0,380 × 0,610.

Comparar com os n.ºs 190 e 191 desta exposição.

Interessante para se avaliar como era o Paço Episcopal, anterior ao actual.

Semelhante ao n.º 65 da Exp. *O Rio e o Mar na vida da Cidade* (Porto, 1963).

No exemplar exposto nesta Exposição com o n.º 64, a subscrição em inglês, supra citada, não estava visível.

O assunto desta estampa foi tratado a óleo numa tela que esteve no Museu N. Soares dos Reis e hoje está patente no Gabinete de História da Cidade, da autoria provável de H. Duncalf.

Mede: 1,55 m × 0,90.

É o (n.º 191 da Exposição «*O rio e o mar na vida da Cidade*» Porto, 1963).

A gravura de H. Duncalf e H. Toms, executada em 1736, foi copiada várias vezes, inclusive, a traço, no 2.º volume dos *Apontamentos para a história do Porto* de Sousa Reis. Por sua vez este desenho foi reproduzido pelo Dr. Pedro Vitorino, no seu artigo *Vistas do Porto nos séculos XVII e XVIII* (in-*Bol. Cultural*, 1938, vol. I, pp. 75-76).

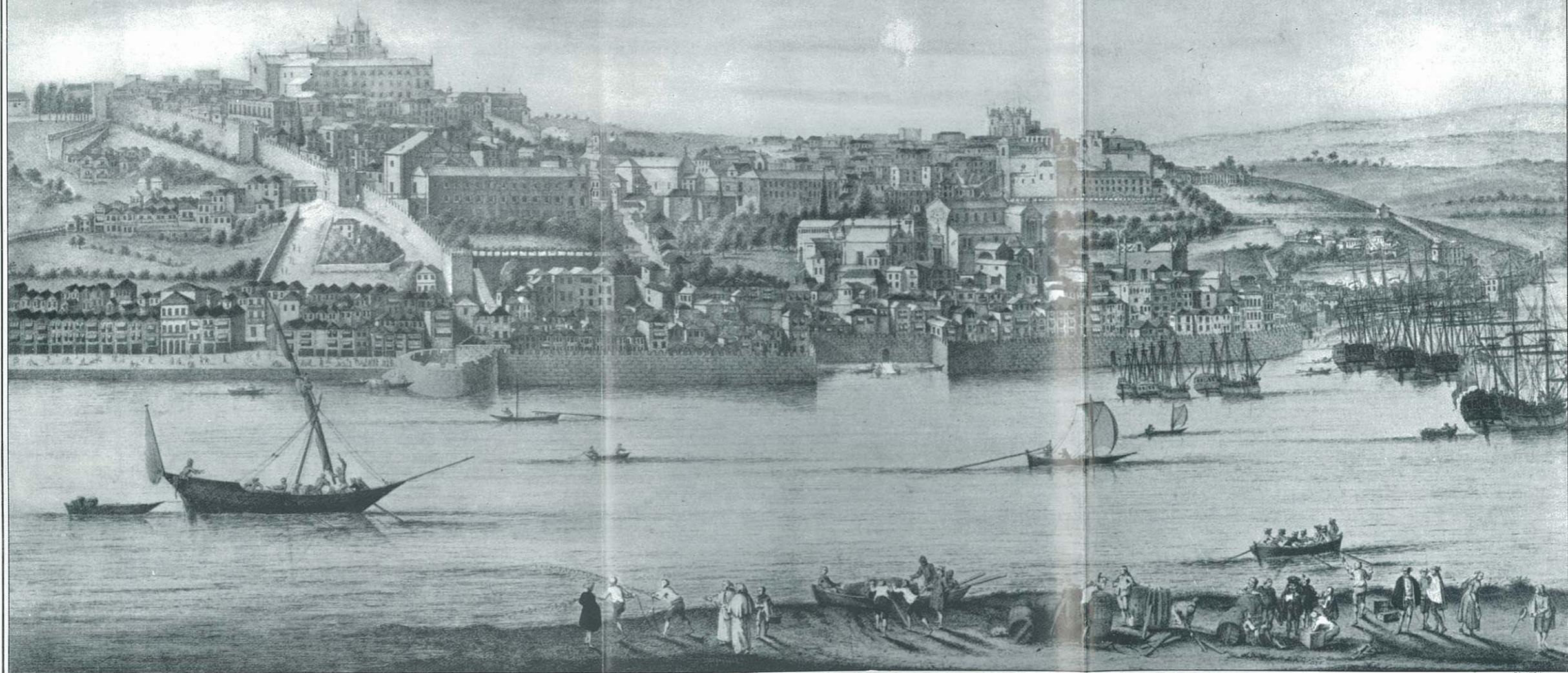
William Henry Toms, gravador a buril e a água-forte, nasceu aí por 1700 e trabalhava em Londres cerca de 1750.

Gravou retratos, navios, vistas de cidades e castelos da Inglaterra.

Era pai de Peter Toms que foi também gravador de retratos e morreu em Londres em 1776.

É a mais antiga das gravuras conhecidas do Porto, embora lhe seja anterior uma panorâmica da cidade aguarelada pelo pintor florentino Pier Maria Baldi, que acompanhou o príncipe

O PORTO



1. Os Frades de S. Bento.
2. A Igreja da Victoria.
3. Os Agostinhos.

4. Os Congregados.
5. S. Domingos.
6. S. Francisco.
7. A Igreja da Se.

8. O Paço do Bispo.
9. Os Padres da Companhia.
10. A Igreja de S. Nicolao.

1. The Benedictine Monks.
2. The Church of Victoria.
3. The Austin Friars.

4. The Fathers of the Oratory.
5. The Dominican Friars.
6. The Franciscan Friars.
7. The Cathedral.

8. The Bishop's Palace.
9. The Jews.
10. The Church of S. Nicolas.
Published according to Act of Parliament Aug. 3, 1736.

Cosme de Médicis durante a sua jornada a Espanha e a Portugal (1668-1669).

O belo desenho de Duncalf, gravado a buril por Toms, é acompanhado de legendas redigidas em português e inglês, para indicar os principais edifícios da cidade. Foi depois reproduzido de novo e por várias vezes, posto que em proporções mais reduzidas.

Para além de aspectos que são ainda testemunhados por outras *vistas* setecentistas, avulta nesta, merecendo especial referência, o Paço Episcopal, na sua primitiva configuração de fortaleza medieval. Também ameaçados como ele, há outros edifícios, quer no alto da Sé, quer na zona ribeirinha, no sítio da Reboleira.

No primeiro plano da gravura (margem esquerda do rio), juntam-se indicações de actividades do tempo, ligadas ao tráfego marítimo e à pesca: tanoeiros aparecem aliançados a carregadores, enquanto dois pescadores recolhem a sua rede. A meio do rio, há naus fundeadas, de castelo da popa bem próprio da navegação de longo curso. Também não falta aí a exemplificação dos barcos típicos do Douro.

b) *H. Duncalf — R. Wilkinson*

Insc. *A view of the City of Oporto. Veüe perspective de la Ville de Oporto.* — Printed for Rob.t Wilkinson — n.º 58 in Cornhil and Bowles & Carter, n.º 69, St. Pauls Church Yard. London.

Dim. 246 × 411 mm — Água-forte colorida.

(Cf. *O rio e o mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 65, p. 354).

A silhueta do Paço Episcopal é interessante nesta gravura; tinha forma amuralhada, com duas janelas baixas, viradas ao rio. Uma torre quadrangular sobrepujava-o.

A meio, numa baixa, a igreja dos Congregados, com a sua torre quadrangular, que desapareceu, sacrificada pelo edifício que antecedeu o actual Banco Nacional Ultramarino.

Junto à porta das Virtudes, externamente, havia uma igreja. Distinguem-se também as torres das Portas das Virtudes e do Olival.

O Desenho é bastante fiel.

No rio, naus com a bandeira inglesa.

É visível também toda a muralha, desde as Virtudes e a Porta Nobre, até ao Postigo do Sol.

Mede: 0,270 × 0,410.

A meio, em letra mais miuda, abriu-se esta subscrição: *Published by F. West, 83, Fleet Str. London.* A mancha mede: 0,415 × 0,248. Possui um exemplar o Clube Portuense.

No primeiro plano, em Gaia, as actividades características deste porto fluvial: pesca com lançamento de rede, carga de pipas e tanoaria (reparação de pipas). Em pleno rio, fundeados, vários navios, de grande porte, com bandeira inglesa; um barco rabelo, sem carga e vela enfunada pelo vento, sobe apressadamente, melhor, airosamente e garboso, o rio Douro. A meio, um pequeno barco, na faina do lançamento da rede, enquanto outro transporta passageiros.

Quanto ao pormenor esta estampa é muito exacta, sendo ligeiramente maior que a outra, com o mesmo assunto.

c) *H. Duncalf*

Com o memo título, mas traduzido em francês, fez-se outra estampa. Subsc. *Vue Perspective de la Ville de Oporto*.

Está no *Clube Portuense* a cores (inglesa), muito semelhante e datada: *Published 12th May 1794 by Laurie & Whittle, n.º 53 Fleet Street, London*.

Mede: 0,407 × 0,220.

Acrescente-se que, segundo esta estampa, no final do século XVIII, a quinta do Seminário dos Grilos, praticamente, confinava com a do Convento de Santa Clara. Junto à Sé já é visível a Casa do Cabido. Mas o actual Paço Episcopal ainda não existia.

d) *Dunlat — W. H. Timms*

Subsc. *A view of the City of Oporto from the Sea*.

Com este intitulado, apareceu outra estampagem ou tiragem com esta subscrição: *Engraved by W. H. Timms after Dunlat. Publ. 1740*.

Mede: 0,350 × 0,580.

Quanto ao autor, W. H. Timms, sabe-se que era gravador à maneira negra; trabalhava aí por 1823.

Gravou vistas da cidade de Reading. Deve ser o mesmo que gravou, em Paris, vinhetas em madeira e fez reprodução de pinturas.

Esta estampa, além do título (ou inscrição), apresenta também, em francês, as subscrições seguintes:

London. Printed for Robert Sayer, Map & Printseller, at the Golden Buck in Fleet Street.

Outras estampas:

1 — *Rio Douro* (autor desconhecido). Séc. XVIII.

Dim. 0,49 × 0,35.

(Cf. *O rio e o mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 192).

Fachada em que se esboça a Cidade tendo, como fundo, o Convento da Serra do Pilar. No primeiro plano vê-se a igreja de Massarelos (ou do Corpo Santo), num local que era sem ancoradouro, com muitos barcos. A perspectiva afigura-se algo falseada, pois a Cidade estende-se até aos pés da Serra do Pilar (antiga Serra de Quebrantões).

2 — *José Monteiro Sallazar*

a) Insc. *Mapa da Barra e Ryo da cidade do Porto*.

Dim.: 1 m × 0,62.

É um desenho aguarelado de José Monteiro Sallazar, 1779. Col. S. G. L.

(Cf. *O rio e o Mar na vida da Cidade*, in-*Documentos e Memórias para a historia do Porto*, n.º 148, 1963).

b) Insc. *Mapa da Barra e Rio da Cidade do Porto*.

Dim.: 0,99 × 0,64.

É um desenho aguarelado de José Monteiro Sallazar. Col. J. G. C.

(Cf. *O rio e o mar na vida da Cidade*, in-*Documentos e memórias para a história do Porto*, 1963, n.º 150).

3 — *T. S. Maldonado — Man. da Silva Godinho (1789)*

a) Insc. *C.de do Porto* (numa filacteria no cimo da estampa, sustentada por dois anjos).

Subsc.: *T. S. Maldonado delin. Porto — Godinho sculp., 1789*.

Dim.: 0,285 × 0,435 (incluindo a legenda).

Gravura a buril, portuguesa.

A legenda é separada, a meio, por um escudo com as armas da Cidade.

(Cf. *O rio e o Mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 66).

Desenho do architecto Teodoro de Sousa Maldonado, aberto por Manuel da Silva Godinho para ilustrar a edição da *Descrição topografica, e historica da Cidade do Porto*, do Pe. Agostinho Rebelo da Costa (Porto, 1789).

O ponto escolhido pelo artista proporcionou-lhe uma perspectiva bem diversa da que revela a *vista* de Duncalf, chamando ao primeiro plano os telhados do casario de Vila Nova de Gaia e ainda, sobre a direita, o mosteiro da Serra do Pilar. Iam já adiantadas, como a gravura documenta, as obras de reconstrução do Paço Episcopal, iniciadas em obediência a um plano de Nasoni.

Medidas, sem o escudo e a lista dos monumentos: 0,432 × 0,235. Na altura em que foi feita esta gravura ainda não existia o Paço Episcopal actual. As armas da Cidade são constituídas pela imagem de Nossa Senhora entre duas torres (Porta de Vandoma).

Nos bordos da *cartouche* o dístico: *Civitas Virginis*. Existe um exemplar no Clube Portuense. Esta gravura foi feita para ilustrar a *Descrição topographica e historica* da cidade do Porto por Agostinho Rebelo da Costa (1789), publicada por Alvares Ribeiro.

Desta estampa foi feita uma cópia inglesa (0,18 × 0,13), com a seguinte inscrição: *View of Porto & Villa Nova from the Serra convent. Engraved by J. Skelton from a print by Godinho*.

Vi um exemplar desta gravura na colecção de José Róças (Rua das Flores) e na do Dr. Pedro Vitorino.

Nesta estampa são visíveis as muralhas da Cidade, desde a Porta Nobre (ou Porta Nova), até ao Postigo do Sol. Vê-se, igualmente, a Torre dos Brandões, agora conhecida como *Torre da Marca*.

Na *Descrição topographica* da Cidade do Porto foram publicadas duas vistas panorâmicas (Porto e Foz).

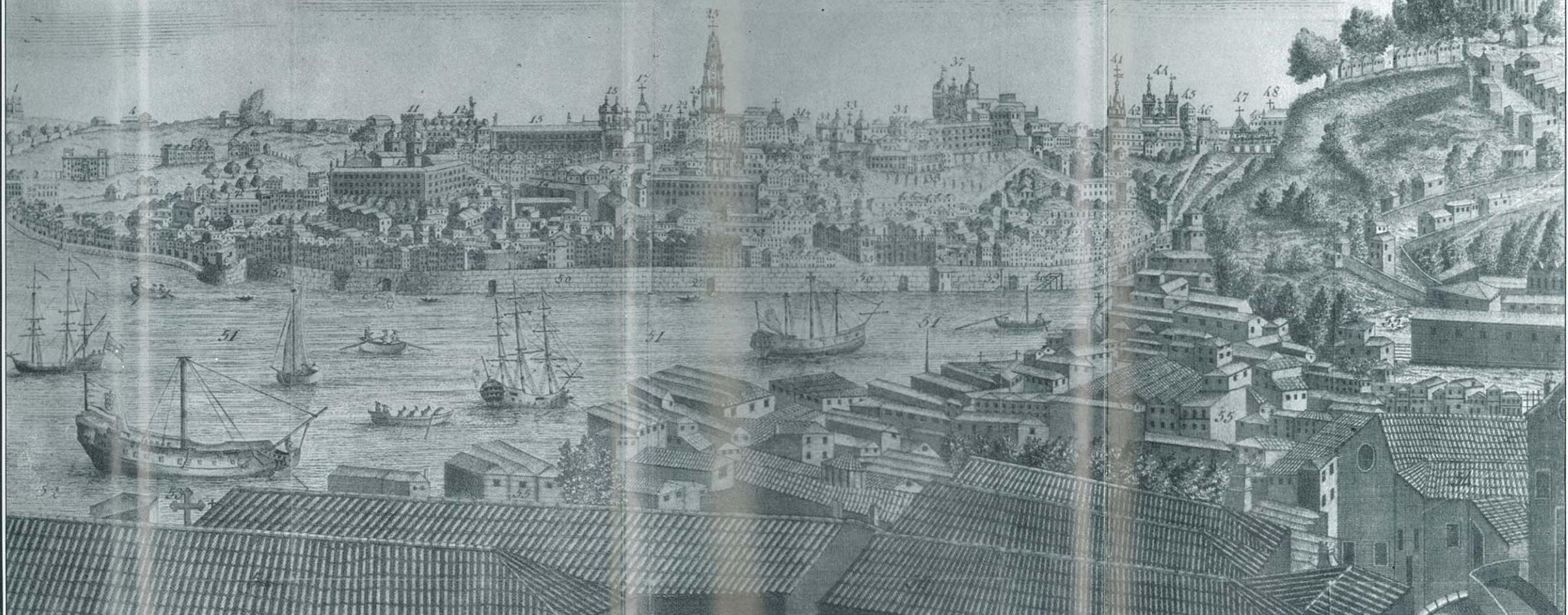
Estas duas gravuras, com panorâmicas do Porto e da Foz, publicadas nesta obra, foram reproduzidas num polvorinho pertencente à colecção do palácio de Vila Viçosa, de fins do século XVIII, em metal amarelo, com guardas de prata (n.º 505, sala 2, estante 4).

É nestas reproduções que foram gravadas, a buril, as duas panorâmicas referidas, copiadas com o maior cuidado e preocupação de fidelidade.

Num trabalho intitulado *Panorâmicas do Porto e da Foz na armaria de Vila Viçosa* (Lisboa, Horus, 1963), Luiz Stubb Saldanha Monteiro Bandeira, Visconde de Vila Nova de Gaia, publicou, em separata de *O Tripeiro* (n.º 10, Out. de 1962, VI série, ano II), algumas informações sobre as duas gravuras de Teodoro de Sousa Maldonado (desenho) e Manuel da Silva Godinho (gravura).

O gabinete de Estudos heráldicos e genealógicos fez separata deste artigo (Lisboa, 1963).

Quanto aos autores desta estampa acrescentamos alguns dados sobre Manuel da Silva Godinho (1751-1799).



- 1. Torre da Marca
- 2. Convento de Monchique
- 3. Paço de Miragaya
- 4. Quartéis Militares
- 5. Parochia de S. Pedro
- 6. Forte da Porta Nova
- 7. Fabrica de Louça

- 8. Hospital dos Ingleses
- 9. Porta dos Banhos
- 10. Graçaãos
- 11. Porta das Virtudes
- 12. Hospital Novo
- 13. Terceiros Francisc.^{os}
- 14. Franciscãos

- 15. Benedictinos
- 16. Praça da Victoria
- 17. Igreja da Victoria
- 18. Igreja de S. Nicoláo
- 19. Terceiros Trinitarios
- 20. Relação
- 21. Porta do Olival

- 22. Terceiros Carmelitas
- 23. Dominicos
- 24. Collegio dos Orfaãos
- 25. Igreja dos Clerigos
- 26. Misericordia
- 27. Porta da Lingoeta
- 28. Alfandega

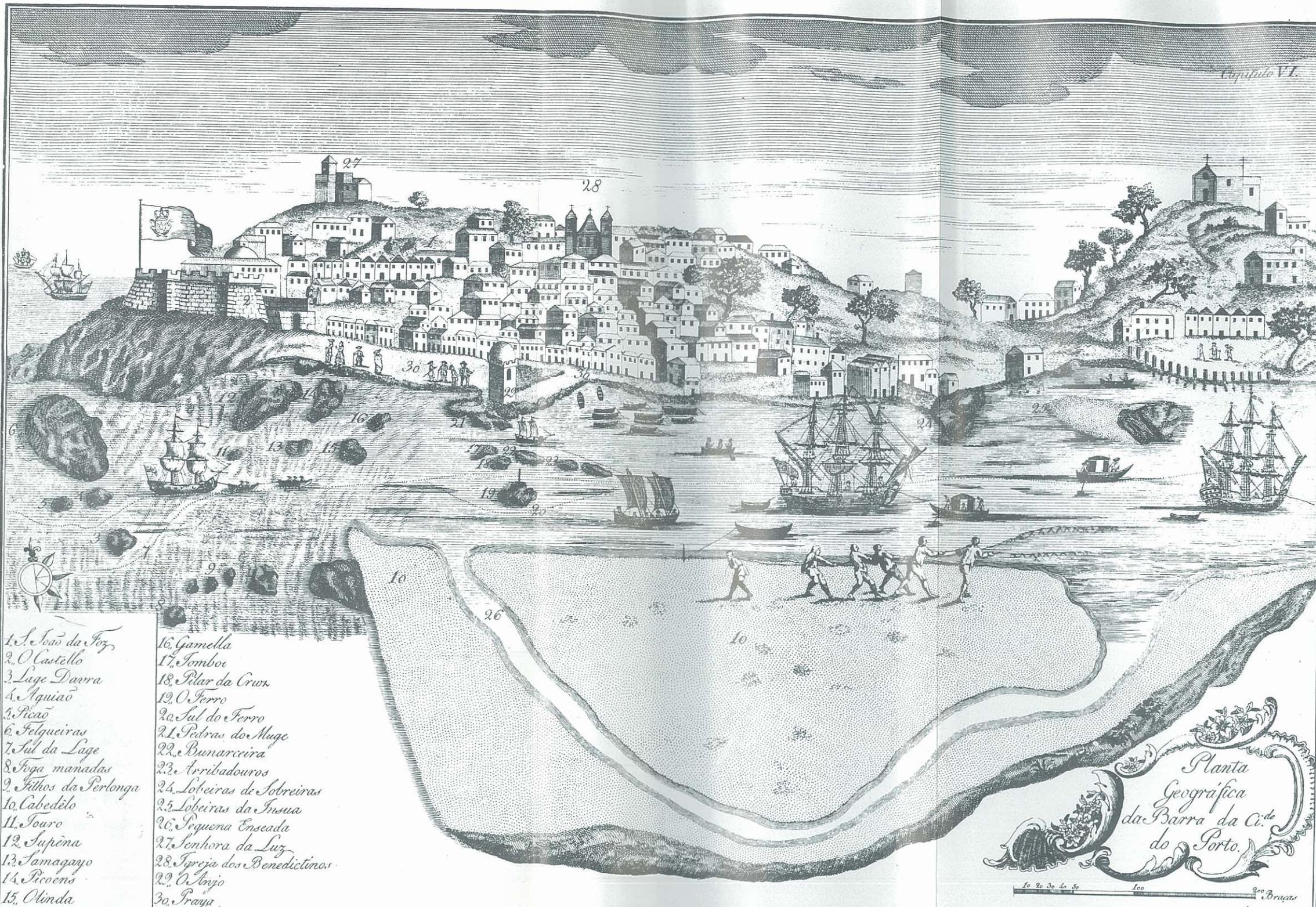


- 29. Casa Antiga da Moeda
- 30. Hospital de S. Crispim
- 31. Igreja da Laja
- 32. Congregados do Orat.
- 33. Agostinhos des calços
- 34. Senado.
- 35. Praça Nova da Ribeira

- 36. Senhora do O
- 37. Cathedral
- 38. Paço do Bispo
- 39. Pelourinho
- 40. Patibulo
- 41. Caridade
- 42. Porta de Sima da V.^a

- 43. Recolhim.^{to} do Ferro
- 44. Igreja de S. Ildefonso
- 45. Convento de S. Clara
- 46. Porta do Sol
- 47. Capuchos
- 48. Recolhim.^{to} das Orfas
- 49. Escadas dos Guindaes

- 50. Muro da Cidade
- 51. Rio Douro
- 52. Estaleiro
- 53. Santa Marinha
- 54. Armazens
- 55. Villa Nova
- 56. Convento da Serra



- 1. S. São da Foz
- 2. O Castello
- 3. Lage D'Avra
- 4. Aquião
- 5. Picaõ
- 6. Felgueiras
- 7. Sul da Lage
- 8. Foga manadas
- 9. Filhos da Perlonga
- 10. Cabedelo
- 11. Touro
- 12. Supena
- 13. Samaçayjo
- 14. Picoens
- 15. Olinda

- 16. Gamella
- 17. Tomboi
- 18. Pilar da Cruz
- 19. O Ferro
- 20. Sul do Ferro
- 21. Pedras do Muge
- 22. Buarceira
- 23. Arribadouros
- 24. Lobeiras de Sobreiras
- 25. Lobeiras da Insua
- 26. Pequena Enseada
- 27. Senhora da Luz
- 28. Igreja dos Benedictinos
- 29. O Najo
- 30. Traya

Planta
Geográfica
da Barra da Ci. de
do Porto.

10 20 30 40 50 100 200 Braças



Foi discípulo de J. Carneiro da Silva na Impressão Régia onde ele se encontra desde a fundação da Aula de Gravura (1769-1776).

Como aluno recebia o salário de 90 reis diários que em 1770 foram aumentados para 100 reis e para 150 reis e 200 reis respectivamente em 1772 e 1775.

Godinho foi dado pronto no ensino da gravura em 1776. Abandonou a aula em 1780, mas reclamou, perante a junta Administrativa, o prémio da sua aplicação neste mesmo ano.

Efectivamente ele recebeu 10 000 reis em 12 de Julho de 1780.

Manuel da Silva Godinho terminou o estudo da gravura na Impressão Régia, em 1776. Mas em 1780, mesmo sem terminar a sua prova final, reclamou o prémio o referido sem o merecer mas foi-lhe concedido graças à informação elogiosa que foi dada pelo seu professor, Joaquim Carneiro da Silva.

Eis a petição:

«Diz Manuel da Silva Godinho, discípulo que foi da Aula de gravura da Imprensa (sic) Regia que tendo completado o tempo de aprendizagem que se lhe determinou e trabalhando na sua prova que consta da Vinda do Espírito Santo, a não pode de todo acabar por ser preciso gravar algumas couzas para a mesma Impressão, e lhe ter sobre vindo naquelle tempo alguma molestia: depois por lhe ser preciso acudir as couzas da sua caza a não pode acabar; porem estando a estampa de lado tirada de agoa forte e somente faltar-lhe o retoque de buril, tem o suplicante mostrado que aproveitou no tempo de discípulo e também por outros que fez que trabalha a buril, como pode informar o mestre da mesma aula, e não tendo o sup. recebido o prémio que S. Mag. manda dar aquelles que completarem o seu tempo com proveito, P. a V. M.^{es} queiram mandar dar ao Sup. o que lhes parecer ter merecido e se tem praticado com os mais Discipulos. E.R.M. (cf. Ernesto Soares, *Hist. da grav. em Port.*, Lisboa, 1940, I, pp. 318-319).

É ele o gravador das duas ilustrações da *Descrição Topográfica e histórica da cidade do Porto* [...] por Agostinho Rebelo da Costa (1789):

- a) Vista perspectiva da cidade do Porto (435 × 285);
- b) Mapa com a Planta da barra do rio Douro (480 × 245).

Estas ilustrações foram desenhadas por T. S. Maldonado. Entre os seus registos citemos:

- a) Os Corações de Jesus e Maria (Cf. Ernesto Soares, *História da Gravura em Portugal*, I, p. 325, n.º 1149);
- b) *Santa Cecília* (id., p. 325, n.º 1150).

Na opinião de Ernesto Soares, na «História da Gravura artística em Portugal», nasceu antes de 1751 e abandonou a aula de gravura, com bom aproveitamento, em 1776. A informação final foi subscrita por Joaquim Carneiro da Silva, ao ser-lhe concedido o prémio de gravura como vimos.

O seu professor Joaquim Carneiro da Silva informou nestes termos a sua petição:

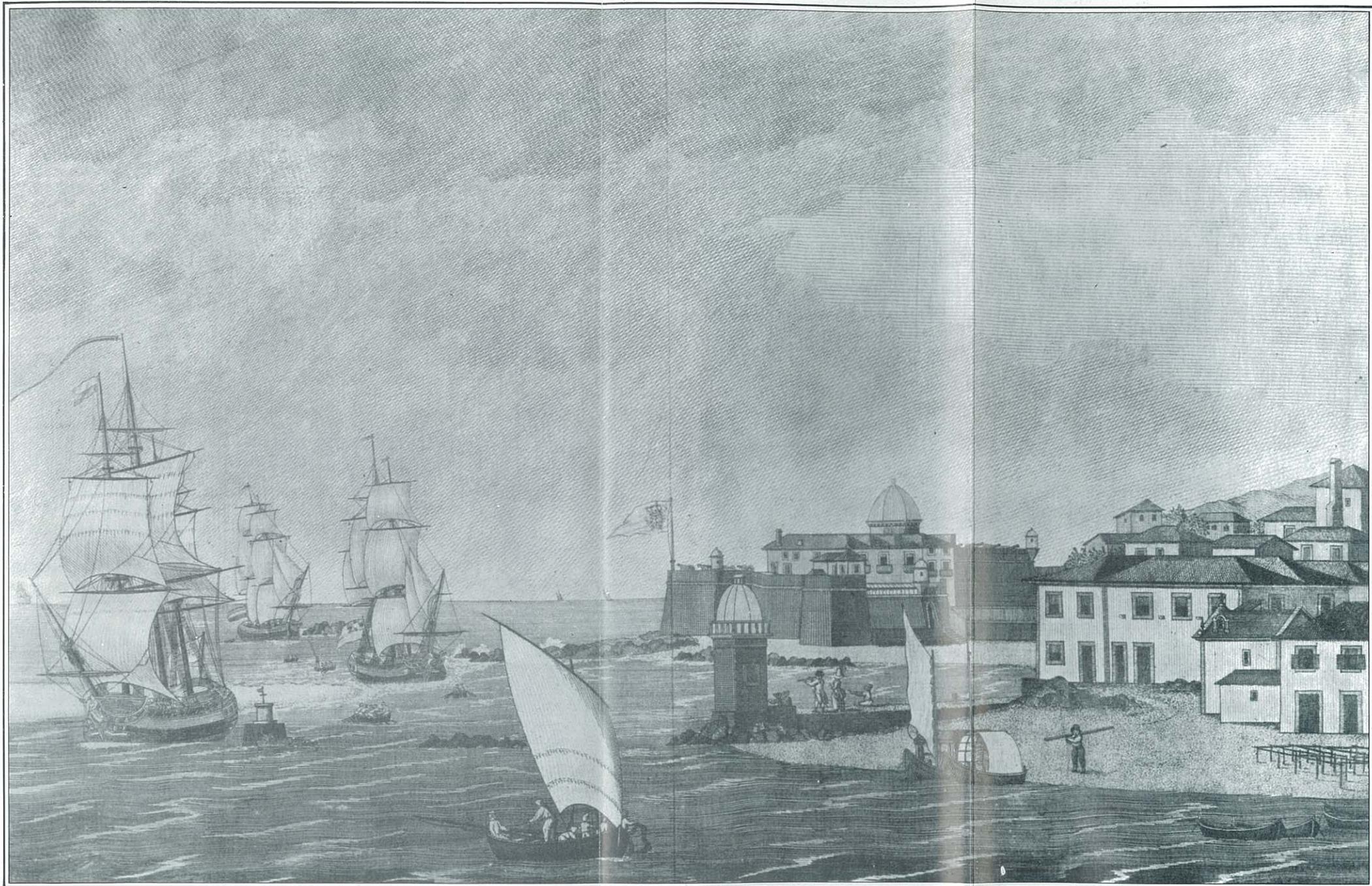
«Manuel da Silva Godinho gravou nesta Aula a Água Forte a estampa da Vinda do Espírito Santo que se apresenta junto com este Requerimento; não a terminou a buril pelas razões que allega, porem afirmo e atesto que tem capacidade para bem a retocar a buril como o provão várias estampas que fez para esta Impressão Régia, se por suas occupações domesticas a não tem retocado, não deixa de merecer o prémio das suas applicações». (Cf. E. Soares, *Hist. da Grav.*, I, p. 319).

Tomás Modessan crítica, asperamente, a descrição que do barco do Douro fez Ag. Rebelo da Costa e diz que o *mapa safado* que ilustrou a sua obra era aquele por onde os pilotos eram examinados antigamente. A afirmação tem para nós o maior interesse, pois garante a autenticidade do mapa ainda que a descrição possa enfermar de defeitos de inexactidão, como a de ter esquecido o farol perene da Senhora da Luz.

Na altura estava em preparação o ambicioso projecto de encanar as águas do Rio Douro à Barra para o qual fôra concedido, aí por 1787-1788, o imposto do Real de Água. Manuel da Silva Godinho, gravador a buril, trabalhava em Lisboa aí por 1800; foi aluno de J. Carneiro da Silva, repete-se.

b) Insc. *Perspectiva da entrada da Barra da cidade do Porto e Fortaleza que a defende*. Dedicada ao Il.mo e Ex.mo Senhor José de Seabra e Silva, Secretário d'Estado de sua Majestade Fidelíssima da Repartição dos Negócios do Reyno. 1790. Dimensão 275 x 430 mm. — a buril; Proc. — Portuguesa. Obs. A meio divide a legenda um escudo com brasão. Col. A. C.

(Cf. *O rio e o Mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 68).



*Perspectiva da entrada da
Fortaleza que a defende Dedicada ao Al. ^{mo} e Ex. ^{mo}
de Sua Magestade Fidelissima da*



*Barra da Cidade do Porto e
Senhor Joze de Seabra e Silva, Secretario d'Estado
Repartição dos Negocios do Reyno.*

Vê-se o castelo de S. João da Foz e três naus à vela que demandam a barra. Um barco coberto aguarda passageiros para a travessia; outro está no activo da pesca.

Perspectivado no castelo o farol do Anjo. Além disso vê-se muito bem a marca que sinalizava ao meio a entrada da barca.

Esta gravura está datada de 1790, no fundo à direita. Apresenta vários barcos à entrada da foz do rio Douro, vendo-se muito bem a localização do farol de S. Miguel o Anjo, assim como o castelo.

O mar vai até junto deste castelo, implantado sobre rochedos.

Mede: $0,44 \times 0,28$.

Gravura a água-forte; pertence ao G. H. P. Mede: $0,13 \times 0,52$.

4 — A. E. Baker — Rob. P. Baker

Insc. *Oporto in the eighteenth Century* (no alto da estampa)
— Subsc. A. E. Baker Del. — Rob. P. Baker sculp. — Época 1791?
Dim.: 147×221 mm.

Proc. — a buril; Proc. — Inglesa. Col. M. A.

(Cf. *O rio e o mar na vida da cidade, Porto, 1963, n.º 71*).

Estão completas as muralhas. No rio Douro grande azáfama.

Edifícios: Paço Episcopal e Sé; Seminário, Clérigos (Torre), S. Bento da Vitória e S. João Novo e igreja do hospital de Santo António que não chegou a ser construída.

No alto, muito elevado, a igreja da Lapa com as suas duas Torres.

Perto das duas torres da Batalha, a igreja de Santo Ildefonso.

5 — Man. Marques de Aguilar

a) Insc. (Do lado esquerdo) *Vista da entrada da Barra da cidade do Porto. Tirada da parte do Norte da Torre da Marca ao tempo em que entrava huma Frota Inglesa e se construia o novo Caes e Fortaleza. Dedicada a Sua Alteza Real o Principe do Brasil Nosso Senhor. Pelo seu muito agradecido reverente e fiel vassalo Manuel Marques de Aguilar.* Aberta em Londres no ano de 1793.

Ao centro: Escudo oval das armas reais portuguesas, cercado por motivos guerreiros. À direita: repetição dos dizeres anteriores, em inglês, mas com algumas alterações na disposição e no texto.

Subsc. *Delineou e gravou Aguilar.* Dim. 608×827 mm proc.
— a buril; proc. — Portuguesa; Época 1793.

(Cf. *O rio e o mar na vida da Cidade, in - Docs. e memórias para a história do Porto, 1963, p. 355, n.º 70*).

A direita: To his royal Highnes's D. John Prince of Brazil. / Plate representing a View of the Entrance to the Harbour of the City of Oporto. / Is most humbly Dedicated by His Royal Highnes's most obedient and most devoted Subject./ Manuel Marques aguilar. /

This View taken from the North side of the Torre of Marca, wehn an English Convoy was entering the Harbour, the Fortifications and the New Quay were constructing in the Year 1793. /

M. M. Aguilar nasceu no Porto em 1767 ou 1768. Morreu em Lisboa em 1816-1817. Começou os seus estudos artísticos na Aula de Desenho da Companhia dos Vinhos até 1793 e, a seguir, partiu para Londres, com a pensão anual de 600\$000, onde foi discípulo de Tomás Milton, cujo avô era neto do autor do *Paraíso Perdido*. O seu mestre era considerado paisagista de grande nomeada.

Aí por 1796 regressou a Portugal, ingressando no *Real Museu* e no *Jardim Botânico*, pensionado em 480\$000 para gravar objectos da História Natural e costumes da Ásia. Por esta época ofereceu os serviços ao Arsenal com este requerimento:

Ilmo. Exmo. Senhor

Manuel Marques Aguilar, Professor de Gravura nesta Côrte e empregado no serviço do S. A. R. em destinos particulares de sua profissão, expõe a V. Ex.^a que ele Sup.^o além de por em execução todo e qualquer objecto de figura nas diversas maneiras de gravura de choque ou de ponto, a talho, de fumo ou de mizotinto e a agoa tinta, tem igual prestimo para gravar quanto diz respeito aos diferentes ramos d'Architectura Civil e Naval, países, mappas e outros accessorios, que por sua belleza e merecimento se tornão assaz importantes entre os seus Nacionaes: podendo assim o Sup.^o formar hũa boa Eschola na execução de todos aqueles destintos modos de trabalhos em beneficio das Sciencias e Artes, as quais tanto dependem do auxílio da grande Arte da Gravura e em que poderá o Sup.^o desempenhar com merecimento e Credito, conseguindo a protecção de V. Ex.^a à qual submissamente recorre por conhecer as grandes luzes de V. Ex.^a e com ellas acertadamente julgar V. Ex.^a dos trabalhos do Sup.^o e fazer a sua felicidade de que E. R. M. ce (Cf. Ernesto Soares, *Hist. da gravura em Portugal*, Lisboa, 1940, I, p. 51).

Faleceu, em Lisboa, em 1811-1817. Sabe-se da sua morte, por este documento de Felipe de Avelar Brotero, dirigido à Inten-



Dedicado a Sua Alteza Real

VISTA DA ENTRADA DA BARRA DA CIDADE DO PORTO

*Tomada da parte do Norte da Torre da Marca, a tempo em que entrava huma Frota Ingleza e se construia o novo Cas. e Fortaleza
 Dedicada a Sua Alteza Real o Principe do Brazil N. S. S. Senhor
 Pelo seu muito agradecido reverente e fiel Vassallo
 Manoel Marques de Aguiar*

Morta em Londres no Anno de 1797



TO HIS ROYAL HIGHNESS D. JOHN PRINCE OF BRAZIL

*This Plate representing a View of the Entrance to the Harbour of the City of Porto
 Is most humbly Dedicated by His Royal Highness's most obedient and most devoted Subject
 Manoel Marques de Aguiar*

This View is taken from the North side of the Tower of Marca, when an English Convoy was entering the Harbour, the Fortifications and the New Quay were constructing in the Year 1793.



dência das Obras Públicas em 20 de Outubro de 1823 (B. N. L. Reservados, Caixa 31, Doc. 41):

«Forão empregados dois gravadores, hum delles Manuel Marques de Aguiar e outro João Caetano Rivara.

O abridor Aguiar depois que S. Mag.de com a sua Real Família se ausentou para o Brasil trabalhou mais em objectos que o Visconde João Diogo o incumbia, do que nos pertences ao serviço da Casa da Gravura do Museu e Jardim, em razão disso por protecção do mesmo Visconde consiguio tem em sua casa o torculo, bola, mesa, estrados, pannos e tudo o mais que era necessário para uso da impressão, e em sua caza fazia estampar tudo o que abria ao buril e estes mesmos trabalhos de buril também quase sempre os fazia em sua caza; falleceu ha quase sete annos, e por sua morte tudo quanto da viuva sua mulher se poude obter para o Real Estabelecimento de Gravura foi o torculo, e para isso mesmo foi preciso hũa ordem do Exmo. Marquez de Borba a qual judicialmente se executou» (Cf. Ernesto Soares, *Hist. da Gravura em Portugal*, I, p. 50, B. N. L. Reservados, Caixa 31, Doc. 41).

A Escola de Desenho da Comp. das Vinhas do Alto Douro teve como 1.º Director António Fernandes Jácome.

Segundo Ernesto Soares «a obra gravada de Aguiar é correcta e por vezes expressiva nas fisionomias dos seus retratados; o artista é expedito no manejo do buril e conhecedor da técnica da gravura; sabia auxiliar o trabalho moroso do talho doce com o emprego discreto da água-forte, especialmente nos fundos e nas paisagens» (Cf. *História da Gravura Art. em Portugal*, Lisboa, 1940, T. I, p. 51).

b) *Vista da cidade do Porto, desde a Torre da Marca athé às Fontainhas*, tomada da parte de Villa Nova do sitio chamado Choupello. Dedicada ao Ilmo. e Exmo. Senhor José de Seabra e Silva, Ministro e Secretário dos Negócios do Reino. Por *Manoel Marques de Aguiar, alumnno das Aulas Régias, Náuticas, e Dezenho, Estabelecidas na dita cidade*. Subsc. — *Aguiar Delin e Esculp.* no ano de 1791 e dá por Completos os Edifícios dos n.ºs seguintes: 11, 28, 29 e 34. Dim. 350 × 1030 mm. Proc. a buril. Proced. Portuguesa. Col. A. R. S.

(Cf. *O rio e o mar na vida da Cidade*, Porto, 1963, n.º 69).

Os números citados são: 11 (Hospital Novo); 28 (A Senhora da Lapa); 29 (Paço Episcopal); 34 (Recolhimento das Orfãs).

Porque o Paço Episcopal não estava ainda pronto, o aútor teve que imaginá-lo, algo diferente do que é realmente.

A *Vista da cidade do Porto* tem, na parte inferior, ao centro, o brasão dos Seabras (dois leões apontados ao meio dos quais se vê um Coroadado que a divide).

É uma grande estampa aberta a buril, representando o Porto, visto da margem esquerda do rio Douro, abrangendo umas pequenas orlas da praia de Vila Nova, o rio e a Cidade até às Fontainhas. No rio várias embarcações, uma delas com bandeira inglesa.

Na margem sul, carregadores, moços e comerciantes, preparam o vasilhame e várias mercadorias para embarque.

Gravura, a talho-doce. Nasceu no Porto em 1767. Gravou trajas asiáticos, retratos da família real e assuntos de história natural. Descrição com a marcação de fimdas linhas:

«Vista da Cidade do Porto, desde a Torre da Marca athe as Fontainhas, tomada da/parte de Villa Nova do sitio chamado Choupello. Dedicado Ao Ilmo. e Exmo. Senhor JOSE SEABRA DA SILVA, Ministro e Secretário de Estado de/Sua Magestade FIDELISSIMA da Repartição dos Negócios do Reino. Por Manoel Marques de Aguilar, Alumno das Aulas Regias, Nautica, e Dezenho estabelecidas na dita Cidade./

Subscrição:

Aguilar Delin e Esculp. no anno de 1791, e dá por completos os Edifícios (sic) dos números seguintes: 11, 28, 29, 34.

Os edifícios novos, ainda não concluídos, eram:

Hospital Novo, Igreja de Nossa Senhora da Lapa, Paço Episcopal e Santo António da Cidade, acima citados.

No Hospital Novo, isto é, o hospital da Misericórdia, Manoel Marques Aguilar desenhou todo o rectangulo hospitalar, inclusive a Igreja, com torre no centro que, até hoje, nunca foi construída.

Mede: $0,435 \times 0,27$.

Está no consultório (Clínica dentária) do Dr. Esteves Pereira (Rotunda da Boavista).

Parece uma água fonte. Será uma reprodução litográfica moderna? Não pude averiguá-lo.

III

SÉCULO XIX

O século XIX, indiscutivelmente, foi a época mais rica em produção iconográfica sobre o Porto. Artistas plásticos e grava-



- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1 Torre da Marca | 11 Hospital Novo |
| 2 Monchique | 12 Franciscana |
| 3 Meragajia | 13 S. Nicolau |
| 4 Guardas Militares | 14 Benedictinos |
| 5 S. Pedro de Moragajia | 15 A. F. da Victoria |
| 6 Forte da Porta Nova | 16 Cadea da Relação |
| 7 Hospital dos Ingleses | 17 Collegio dos Orfãos |
| 8 Porta dos Banhos | 18 Porta do Olivál |
| 9 Graças | 19 Dominica |
| 10 Porta das Virtudes | |

Vista da Cidade do Porto, desde a Torre da
 parte de Villa Nova do sitio chamado Choupella Dedicada A. M. e C. mo
 Sua Magestade FIDELISSIMA da Repartição dos Negocios do Rejmo.
 Nautica, e Dorenho.



Marca athe as Fontainhas, tomada da
 Senhor JOZE DE SEABRA DA SILVA, Ministro e Secretario de Estado de
 Por Manoel Marques de Aguilhar, Alumno das Aulas Regias,
 estabelecidas na dita Cidade

Aguilar Desen. e Gravou no Anno de 1732. e da por Completas os Edificios dos Numeros seguintes N. 11, 28, 29, 34.

- | | |
|-----------------------------|---------------------------|
| 20 Praça do Fornoiro | 29 Paço Episcopal |
| 21 Misericordia | 30 Recolhimento do Ferro |
| 22 Torre dos Clerigos | 31 S. Clara |
| 23 Alpendega | 32 Porta do Sol |
| 24 Casa d. Assembl. Inglega | 33 S. Ildefonso |
| 25 Praça da Ribeira | 34 S. Antonio da Cidade |
| 26 Lojas | 35 Recolhimento das Orfas |
| 27 Ajuntados de Cavalos | 36 O. L. do Obispo |
| 28 A. F. da Lapa | 37 Fontainhas |
| | 38 O. L. Carvalho |



dores notáveis debruçaram-se sobre a Cidade Invicta, tradicionalmente a *Cidade da Virgem*.

Por isso mesmo o estudo da produção artística, que ela proporcionou neste período, é extenso, aliás com o maior interesse para o conhecimento da história do urbanismo tripeiro que explodiu neste período da sua vida que foi realmente intensa. Demograficamente (portanto urbanisticamente), o Porto é, na sua maior parte uma cidade do séc. XIX. Porém, foi no decorrer do séc. XVIII que começou a processar-se a sua expansão urbanística fora de muros; comprovam-no a igreja, com a Torre dos Clérigos (1763); igualmente, a praça da *Feira do Pão* (actual Praça de Guilherme Gomes Fernandes), que antes foi a *Praça de Santa Teresa*.

Iconograficamente, a explosão iconográfica foi provocada pela acontecimentologia que se desdobrou ao longo deste século, a começar com as Invasões Francesas e a intervenção militar inglesa, as Guerras liberais e o desenvolvimento económico da Cidade, graças à exploração do vinho do Porto na região específica que o inglês, o Barão de Forrester, demarcou ao longo do rio Douro.

É tudo isto o que está na base da produção de gravuras que foram avalanche.

Na impossibilidade de as estudarmos nesta comunicação, limitamo-nos ao sumário de um tema que julgamos altamente sugestivo e apaixonante.

Oxalá seja possível desenvolvê-lo ou estudá-lo a curto prazo, a bem da História Moderna da cidade do Porto, que, economicamente, socialmente e artisticamente, bem o merece, ela que pode e deve ser classificada como uma das cidades amuralhadas mais características da Europa.

Na impossibilidade de fazer melhor ou publicar, no presente, exponhamos as linhas gerais das séries iconográficas que se sucederam ao longo de todo o século XIX.

As invasões francesas provocaram a aparição de numerosas gravuras (mais exactamente estampas):

- a) Simeonfort-Skelton (1809) que fizeram, para a *History of the war in the peninsular and in the south of the France*, as gravuras: *Bataille d'Oporto (29 mars 1809 à 9 heures du matin)* e *Fin de la Bataille d'Oporto le 29 mars 1809 à 3 heures du soir*.
- b) Outros nomes a citar: Ballura-So-Allemes; J. Beaume-Aubert Fils e Aubert Père; J. Teixeira Barreto e Raimundo Joaquim da Costa; Th. Yung-Ch. Lalaisé.

Mas foi notabilíssimo James Holland que ilustrou a obra *The tourist in Portugal* (London e New York, 1809), com a

colaboração de J. Cousen, S. Bradsham, W. Walles, J. Stephenson, James Allen, J. C. Armytage e J. Carter, além de Jennings.

O Porto, como cidade, foi visto dos mais variados ângulos em que a sua beleza é invulgar, quer seja visto do lugar do Freixo, quer do lado das igrejas de S. João e S. Francisco, quer a Torre dos Clérigos, a qual despertou o maior interesse. Não admira. O Porto, cidade turística, merecia-o e as invasões francesas descobriram-no.

Aliás a intervenção inglesa na luta contra os franceses acentuou a manifestação deste interesse com o que poderíamos chamar uma espécie de reportagem as *Campaigns of the British Army in Portugal, under the command of General the Marquis of Wellington* (London, 1813).

Colaboraram H. L'Évéque, J. Fitler (1812), Couché Fils (1817), J. Duplessi — Bertaux (1817), além de Martinet.

Paralelamente foram notabilíssimas as estampas (ou gravuras) que ilustraram a obra de George Landmann, intitulada *Historical, military and picturesque observations on Portugal, illustrated by seventy-five coloured plates* (London, 1818), em dois volumes. Colaboraram Heath-J. C. Stadeler e T. Cadell & W. Davies-L. Bailly.

Posteriormente foi do maior interesse a obra *Portugal illustrated* de W. M. Kinsey (1828), com a colaboração artística de Kopke-G. Hammer, L. Gibbs of Bath — W. B. Cooke, Gibbs of Bath — J. C. Allen e J. Skelton — Godinho.

Merecem ainda o maior relevo as gravuras que ilustram a obra *Scenery of Portugal & Spain* (1829) de Mr. Vivian, assim como as da obra *Select views of the principal cities of Europe* do Tenente Coronel Batty (1832).

Entretanto as guerras liberais suscitaram também o interesse artístico de W. William Bollaert na obra *The war of succession Portugal and Spain from 1826 to 1840*. Nestas guerras já artistas portugueses mostraram também o seu interesse artístico: João Baptista Ribeiro (1832), Carlos Van Zeller, com R. Havell (1833), A. De Dominicis — A. M. Fonseca — C. Fontes (1820); sobretudo é de anotar a colaboração de Legrand, com Manuel Luis da Costa, na revista *Universo Pittoresco* (1839).

Algumas gravuras alemãs de G.F. Schröter Jun. e Fr. X. Eissner, além de Luiz Grüder, demonstram também interesse pela vida nacional portuguesa que, na Alsácia, F. C. Wentzel também comprovou.

De 1835 a 1855 teve o maior interesse a actuação artística do Barão J. J. de Forrester, com a colaboração de G. Childs (1835) e R. J. Lane.

Ao aproximarem-se os meados do século foi altamente meritória, merecendo ser bem conhecida, a obra iconográfica sobre o Porto, realizada pelo artista português Cesário Augusto Pinto (1848), que efectuou um bellissimo *Album* de doze vistas, as quais foram brilhantemente litografadas por J. C. V. Vila Nova. Esta

obra intitula-se: *As margens do Douro, Collecção de doze vistas* (Porto, 1849).

Chamava-se Joaquim Cardoso Vitoria Vila Nova este litógrafo tripeiro.

Mas citemos mais alguns designativos das litografias (ou estampas): Castello de S. João (n.º I), A Cantareira (n.º II), Sam Paio (Casa do Sr. Anthe) — (n.º III), Gaya (n.º IV), Porto (n.º V), Villa Nova (n.º VI), Serra do Pilar (n.º IX), Seminário, no Prado do Repouso (n.º VIII), O Freixo (n.º X), Pedra Salgada (n.º XI), e Arnellas (n.º XII).

Acrescentemos que a estadia do Rei Carlos Alberto de Itália, no Porto, provocou também algumas estampas, com interesse (1851), ao italiano Gonin, a Cesário Augusto Pinto, a João Eduardo Malheiro (1849) e a Vitorino Ribeiro (1849).

Finalmente não esqueçamos nomes, alguns pelo menos, como os de Casanova, Raphaella Amatucci, Deroy (1852?), E. P. Graça, Botelho, Francisco José Resende, Roque Gameiro, Lallemand, J. P. Monteiro, J. M. Pinto, etc.

Toda esta obra artística tem o maior interesse para o estudo urbanístico da cidade do Porto, sem podermos olvidar a problemática da sua urbanização com os nomes de Francisco Pinheiro da Cunha (1757), Teodoro de Sousa Maldonado (1794), S. J. Neele-George Balck (1813) e Champalimaud (1787), além de Joaquim de Sousa Picão (1815), J. S. Gage (1832) e G. Rumbon.

A terminar, salientemos que não são de esquecer os nomes de C. Brügger, autor do *Plan von Oporto und Umgegend* (Berlim, 1833), J. D. C. Coronel Moreira, J. C. Lima e A. C. Lemos, com Frederico Perry Vidal, autor de uma *Planta da Cidade do Porto desenhada em Lisboa em 1844*.

Alguns nomes, como José Monteiro Sallazar, Francisco Pinheiro da Cunha, Reynaldo Oudinot, F. Folque, Edward-Belcher e Stanford, os quais dedicaram o seu maior interesse ao estudo, em ordem à solução dos problemas que, desde longe, provocou a Barra do Rio Douro, o rio que está na base do interesse económico, portanto também artístico, da Cidade do Porto.

É terminemos com um voto: oxalá seja possível publicar, em breve, o estudo desenvolvido de toda esta actividade artística à volta do Porto, cidade histórico-artística com o maior e iniludível interesse. A comprová-lo, lembre-se que ela é uma cidade amuralhada que pode vir a ser a *Carcassonne* de Portugal, além de ser uma cidade barroca das mais características entre nós, ímpar em Portugal.

LEGENDAS DAS ILUSTRAÇÕES

- 1 — Pág. 164: A cidade do Porto e arredores, desde a Torre da Marca até às Fontainhas, por Pier Maria Baldi, pintor florentino (1669);
- 2 — Pág. 164: *De Zeecusten van Portugal van Viana tot Avers* (isto é Aveiro) em 1639;
- 3 — Pág. 166, n.º 2,a: OPORTO de H. Duncalf e W. H. Toms (1736);
- 4 — Pág. 169, n.º 3: C.DE DO PORTO de T. S. Maldonado e Man. da Silva Godinho (1781);
- 5 — Pág. 170: *Planta Geográfica da Barra da C.ª do Porto* de T. S. Maldonado e Man. da Silva Godinho (1789);
- 6 — Pág. 172, n.º 3,b: *Perspectiva da entrada da Barra da Cidade do Porto* (1790);
- 7 — Pág. 174, n.º 5: *Vista da entrada da Barra da Cidade do Porto* (1797) de Man. Marques Aguilar;
- 8 — Pág. 176, n.º 3: *Vista da Cidade do Porto desde a Torre da Marca athe as Fontainhas* (1791).

